

“Sr. Desengonçado manda lembranças”: Walter Benjamin – um fracasso?¹

Erdmut Wizisla ²

Resumo: Erdmut Wizisla parte da expressão alemã “Ungeschickt lässt grüßen” (Sr. Desengonçado mandou lembranças) — associada ao “corcundinha” de *Infância berlinense por volta de 1900* — e discute como Hannah Arendt transformou essa figura literária em uma chave biográfica para interpretar a trajetória de Benjamin, inclusive sua morte em Portbou. Embora reconheça a importância do ensaio de Arendt e as derrotas profissionais e históricas enfrentadas pelo autor, Wizisla contesta a redução de sua vida a uma sucessão inevitável de catástrofes. Para isso, distingue a autorrepresentação literária de Benjamin de sua atuação concreta e recorre a escritos autobiográficos, cartas, testemunhos e ensaios sobre Franz Kafka. A leitura de Kafka mostra que, para Benjamin, o fracasso não significava simplesmente derrota: podia constituir uma condição de fidelidade à escrita, resistência à transformação da literatura em doutrina e abertura à esperança. Apresnetando ao final três argumentos centrais contra a imagem do “desengonçado”. O texto apresentado foi traduzido por João Gabriel Rodrigues Gomes³.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Fracasso, Mr. Bungle.

Title: “Mr Bungle sends his regards”: Walter Benjamin – a failure?

Abstract: Erdmut Wizisla begins with the German expression “Ungeschickt lässt grüßen” — associated with the “little hunchback” in Berlin Childhood around 1900 — and discusses how Hannah Arendt transformed this literary figure into a biographical key for interpreting Benjamin’s life and intellectual trajectory, including his death in Portbou. Although Wizisla acknowledges the importance of Arendt’s essay and the professional and historical defeats experienced by Benjamin, he challenges the reduction of Benjamin’s life to an inevitable succession of catastrophes. To this end, he distinguishes Benjamin’s literary self-representation from his actual conduct, drawing on autobiographical writings, letters, personal accounts, and essays on Franz Kafka. His reading of Kafka shows that, for Benjamin, failure did not simply mean defeat: it could constitute a condition of fidelity to writing, resistance to the transformation of literature into doctrine, and openness to hope. Finally, Wizisla presents three central arguments against the image of Benjamin as “Mr. Bungle.”

Keywords: Walter Benjamin, Failure, Mr. Bungle.

Benjamin em Portbou

¹ Fala apresentada no *Col-loqui Internacional Walter Benjamin*, Portbou, 25 de setembro de 2010.

² Erdmut Wizisla (1958–) é um germanista, pesquisador e ensaísta alemão, reconhecido por seus estudos sobre Walter Benjamin e Bertolt Brecht. Foi diretor do Bertolt-Brecht-Archiv e do Walter-Benjamin-Archiv, vinculados à Akademie der Künste, em Berlim. É autor e organizador de diversos trabalhos dedicados à obra, aos arquivos e às relações intelectuais de Benjamin e Brecht.

³ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL, na linha de pesquisa de Estudos Literários, Culturais

Quando visitei Portbou com minha família pela primeira vez, há cerca de vinte anos, escutava constantemente o badalar dos sinos. Imagino como o Benjamin, em seu leito de morte, também os tenha escutado. Ficamos lá por cinco dias. Ao fim da viagem, já tínhamos amigos por toda parte: Santiago Vancells Gascons nos mostrou a certidão de óbito de Benjamin junto a um retrato seu; Lorenzo Novés Hernández nos guiou através dos Pirineus. Nossa travessia turística não foi fácil. O dia estava chuvoso, as pedras estavam escorregadias. Mas tudo era muito belo e entusiasmante. Comemos, em Puig del Mas, doces uvas aromáticas. Quando chegamos ao seu topo, o sol apareceu de repente. Avistamos Banyuls e, também, Portbou, e — hesito até em mencionar esta parte — um magnífico arco-íris se arqueava sobre a paisagem.

Tentamos recordar aqueles dias de setembro de 1940 e pensamos na última carta de Walter Benjamin:

Numa situação sem saída, não tenho outra escolha senão por fim a tudo. É nos Pirineus, em uma cidadizinha onde ninguém me conhece, que se termina a minha vida (Benjamin; Scholem, 1989, p. 222).

Quando Benjamin escreveu essas palavras, ninguém poderia imaginar que isso mudaria de maneira tão radical. Hoje toda criança daqui provavelmente conhece o nome de Benjamin. Como disse certa vez Antoni Pous, poeta catalão e tradutor de Benjamin “Em Portbou, junto ao mar, Benjamin já não é mais um estranho, mas um de nossos mortos”. Pessoas de todo o mundo vêm visitar Portbou. Aqui ficou conhecido como um ponto de encontro, quase como um ponto crucial na história cultural europeia. O memorial de Dani Karavan tornou-se um emblema disso. O memorial de Dani Karavan tornou-se um emblema disso. Há muitos anos, pessoas empenhadas vêm trabalhando — apesar das muitas dificuldades — para manter vivos, na memória do mundo, esses últimos dias da vida de Walter Benjamin. E conseguiram.

Portbou talvez tenha causado uma impressão especial em Hannah Arendt. Em uma carta para Gershom Scholem, datada de 21 de outubro de 1940, ela escreveu:

O cemitério tem vista para uma pequena baía, diretamente sobre o Mediterrâneo, é esculpido em terraços cravados em pedra; também nessas paredes de pedras colocam os caixões. É de longe um dos lugares mais fantásticos e bonitos que já vi na minha vida (Arendt, 2020, p. 130).

Meu título em alemão seria “*Ungeschickt lässt grüßen*”, um ditado alemão relacionado à visão que Hannah Arendt tinha de Benjamin. “*Ungeschickt*” é uma personificação do comportamento desastrado, displicente, desengonçado. “*Mr. Bungle sends his regards*” (Sr. Desengonçado manda lembranças) é a tradução para o inglês, provavelmente feita pela própria Hannah Arendt. Existem outras traduções como “*Greetings from Mr. Clumsy*” (Comprimentos do Sr. Desajeitado), mas a frase parece incomum para falantes da língua inglesa (e portuguesa). A expressão inglesa “*butterfingers*” (“mão de alface”) talvez seja o equivalente mais próximo, mas só designa alguém fisicamente desajeitado e inábil, que derrubaria uma bola caso fosse jogada em sua direção; de fato, é difícil imaginar Benjamin como um bom jogador de beisebol ou de críquete. Era a mãe de Benjamin quem costumava dizer “Sr. Desengonçado manda lembranças”, “quando acontecia uma das incontáveis catástrofes da sua infância”. Essa expressão voltou à mente do Benjamin quando leu o poema infantil sobre o conto de fadas “O corcundinha”. Benjamin citou versos desse poema diversas vezes. O corcundinha é uma figura importante no seu universo literário.

Hannah Arendt escreveu sobre isso em seu ensaio de 1968 sobre Benjamin. A imagem que ela tinha de Benjamin concentrava-se em palavras como “desventura”, “má sorte”, “desengonçado”, “estranheza”, “desleixo”. Arendt diz: “com a destreza de um sonâmbulo, seu desajeitamento invariavelmente o conduzia ao centro mesmo de uma desventura, ou aonde quer que algo semelhante pudesse estar à espreita”⁴. Sobre a morte de Benjamin, ela escreveu:

Um dia antes, Benjamin teria passado sem nenhum problema; um dia depois, as pessoas em Marselha saberiam que, de momento, era impossível passar pela Espanha. Apenas naquele dia particular foi possível a catástrofe (Arendt, 2008, p. 185).

Poderíamos nos lembrar da vida do Benjamin “como uma sequência de [...] desses montes de escombros” (p. 81), diz Arendt (2008), recordando seus projetos jornalísticos fracassados, seus livros não publicados e sua tentativa malsucedida de obter sua “habilitação”, ou qualquer tipo de cargo efetivo na academia.

A visão de Arendt e de outros moldou, em grande medida, a imagem de Benjamin por quase oitenta anos: O pobre Benjamin. O atônito Benjamin — desengonçado e inábil nas coisas da vida. Benjamin, mão de alface! Muitas pessoas viam Benjamin como um gênio, um homem de grandes ideias, marcado pela má sorte e sem capacidade alguma de administrar a própria vida. Ainda mais sintomático é o fato de usarem como exemplo a estrutura fragmentada do trabalho das *Passagenarbeit* (*Passagens*). Lisa Fitko, que foi a guia de Benjamin pelos Pirineus, falou que ele se comportava à moda antiga, desajeitado e educado demais para este mundo. O seu relato “O velho Benjamin” faz parte dessa história.

Não me entendam mal: sou um grande admirador da Hannah Arendt. O seu ensaio é maravilhoso, mas creio que ela tenha se equivocado ao dar tanta importância à “perspectiva do Sr. Desengonçado”. Sua perspectiva é especialmente problemática porque ela não hesitou em empregar a palavra fracasso:

[S]em dúvida Benjamin tinha em mente o “campo de ruínas e a área de desastres” de sua própria obra, ao escrever que “um entendimento da produção [de Kafka] envolve, entre outras coisas, o simples reconhecimento de que ele foi um fracasso (Arendt, 2008, p.108).

Essa afirmação exige uma discussão mais aprofundada. O fim trágico de Benjamin em Portbou não deve ser tomado como a chave interpretativa de toda a sua existência. Sua morte não deve ser considerada o aspecto mais importante da sua vida.

A citação do “Sr. Desengonçado” nos escritos de Benjamin

O corcundinha aparece nos textos autobiográficos de Benjamin. Está intimamente ligado à sua presumida inaptidão para a vida prática. Na *Crônica de Berlim* ele menciona seu “fraco senso de direção”, e diz:

A ela atribuo a culpa por minha incapacidade ainda hoje de fazer uma xícara de café, à sua inclinação para fazer das condutas mais insignificantes provas da minha inaptidão para a vida prática, que devo à sonhadora resistência com que a acompanhava enquanto caminhávamos pelas ruas do centro da cidade, raramente frequentadas por mim (Benjamin, 2024, p.13).

⁴“With a precision suggesting a sleepwalker his clumsiness invariably guided him to the very center of a misfortune, or wherever something of the sort might lurk”.

e ele recorda:

Lembro-me também de como nada era mais insuportável e embaraçoso para minha mãe do que quando eu, nessas caminhadas, sempre ficava meio passo atrás dela. Meu hábito de parecer mais lento, mais desajeitado, mais estúpido do que era, teve sua origem em tais caminhadas, e há grande risco de se julgar mais rápido, mais hábil e mais esperto que se é (Ibdem, p.13).

Em *Infância Berlinense por volta de 1900*, livro que Benjamin intitulou *Kindheitserinnerungen* e permaneceu sem publicação durante sua vida, um dos capítulos é intitulado *Das bucklichte Männlein* (O corcundinha). É nesse momento que Benjamin traça a aproximação entre o corcundinha e o Sr. Desengonçado :

“Sem jeito mandou lembranças” era o que sempre me dizia quando eu quebrava ou deixava cair alguma coisa. E agora entendo do que falava. Falava do corcundinha que me havia olhado. Aquele que é olhado pelo corcundinha não sabe prestar atenção. Nem a si mesmo nem ao corcundinha. Encontra-se sobressaltado em frente a uma pilha de cacos [...] Onde quer que ele aparecesse, eu ficava a ver navios [...] Só que nunca o vi. Só ele me via (Benjamin, 1987, p.142).

O poema sobre o corcundinha foi publicado na coleção *Des Knaben Wunderhorn*. Benjamin conhecia o poema pela coletânea de Georg Scherer, *Deutsches Kinderbuch*. No poema, o corcundinha é uma criatura estranha, infamiliar e perturbadora, que rouba e quebra as coisas:

“Will ich in mein’ Keller gehn,
Will mein Weinlein zapfen;
Steht ein bucklicht Männlein da,
Tät mir’n Krug wegschnappen.

Will ich in mein Küchel gehn,
Will mein Süpplein kochen;
Steht ein bucklicht Männlein da,
Hat mein Töpflein brochen.”

“Quando no meu porão eu for
Meu vinhozinho beber
Tem um corcundinha lá
minha jarriinha vai verter

Quando na cozinha eu for
Minha sopinha fazer
Tem um corcundinha lá
meu potinho vai se perder”

Na formulação de Benjamin, em *Infância Berlinense por volta de 1900*, o corcundinha estabelece a ameaça de ser visto por alguém a quem não se pode enxergar. A criança está fascinada, o corcundinha o paralisa e lança um feitiço sobre ele. É um tipo de maldição, um convite para a pilha de destroços produzida pelo corcundinha.

Contudo, no que diz respeito a Benjamin, parece-me que existe uma grande diferença entre a imagem que ele próprio apresenta em seus escritos autobiográficos e sua vida real. Esta é a famosa diferença entre a literatura e a vida. O lugar autêntico do Sr. Desengonçado é a ficção: primeiramente, o texto autobiográfico *Infância em Berlim por volta de 1900* é um ato criativo, não a vida real, e Sr. Desengonçado é, então, um produto do estilo e da criação literária. Benjamin compôs um autorretrato literário no qual se apresenta como uma pessoa desajeitada, um homem de má sorte.

Alguns anos antes, porém, ele escrevera em *Einbahnstraße* (*Rua de mão única*): “Ser feliz significa poder tomar consciência de si mesmo sem susto” (Benjamin, 2023, p. 37) . Não é fácil imaginar Benjamin de sorte. Ele era melancólico, idiossincrático e talvez sensível demais

para conseguir ter sorte em um mundo como este. Contudo, se considerarmos sua vida como um todo, certamente não foi simplesmente um homem de má sorte. Cartas, documentos biográficos e depoimentos de amigos oferecem uma imagem de Benjamin que tem pouco a ver com a história do corcundinha.

Para se tornar consciente de si é necessária uma grande iluminação, uma espécie de sagacidade e inteligência. Tenho certeza de que Benjamin finalmente conseguiu quebrar o feitiço. Ele conseguiu tornar-se autoconsciente – tornar-se autoconfiante.

Fracasso: o exemplo de Kafka

O corcundinha também é um personagem nos textos de Benjamin sobre Franz Kafka. Em sua resenha de 1931 da coletânea póstuma de Kafka, *Beim Bau der Chinesischen Mauer (A grande muralha da China)*, Benjamin citou alguns versos dessa “misteriosa canção popular” e comentou: “O corcundinha, também, é algo que se esqueceu, algo que, antes, costumávamos saber; ele estava lá em paz consigo mesmo, mas agora impede os caminhos que guiam ao futuro” (Benjamin, 1991, p. 682, tradução nossa)⁵.

O corcundinha também é um motivo importante no ensaio de Benjamin *Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte*, de 1934. Como vimos no comentário de Hannah Arendt, Benjamin considerava Kafka um fracassado. Para Benjamin, seria ainda mais importante que Kafka se visse como alguém que fracassara. Mas é interessante notar que ele utilizou a palavra “fracasso” junto às menções de categorias como “pureza” e “beleza”. Isso ocorreu em uma carta para Gershom Scholem, em que Benjamin, em 12 de junho de 1938, escreveu: “para fazer justiça à figura de Kafka em sua pureza e peculiar beleza, não se pode nunca perder de vista uma coisa: ela é a de um fracassado” (Benjamin; Scholem, 1993, p. 106). Não se trata de um fracasso que nos deixa de mãos abanando. Benjamin rejeitou interpretações como, por exemplo, a de Max Brod, que interpretava Kafka como um místico judaico. Benjamin retratou Kafka como um fracassado. De acordo com Benjamin, o fracasso de Kafka era inevitável e historicamente necessário, tendo certeza de que uma das razões mais decisivas para o seu fracasso tinha ligação com seu método de escrita. Sobre Kafka, ele escreve: “Ele falhou na sua tentativa grandiosa de converter a poesia em ensinamentos, torná-la parábola e restaurar a sua estabilidade e despretenciosidade, a qual, face à razão, que lhe parecia ser a única coisa apropriada a isso” (Benjamin, 2012, p. 167).

A tradução inglesa⁶ dessa passagem de Benjamin não é muito precisa. Nem “poesia” nem “ensinamentos” são intencionados. Seria melhor dizer “escrita” e “doutrina”. É uma ideia bastante dialética: falhar em converter a escrita em doutrina. Isso é intencionado de forma absolutamente positiva. A escrita continua sendo a vencedora.

Essa questão também é importante para Benjamin. Lembre-se das palavras “poder tomar consciência de si mesmo sem susto” (Benjamin, 2023, p. 37). A advertência de não converter a escrita em doutrina também se aplica a Benjamin: você não terá sucesso se tentar colocar Benjamin em caixinhas. Você não terá sucesso se tentar lê-lo como um teórico sistemático.

⁵ “Das ist auch so ein Vergessenes, das bucklige Männlein, das wir einmal gewußt haben, und da hatte es seinen Frieden, nun aber vertritt es uns den Weg in die Zukunft”.

⁶ “He did fail in his grandiose attempt to convert poetry into teachings, to turn it into a parable and restore to it that stability and unpretentiousness which, in the face of reason, seemed to him the only appropriate thing for it”.

Nesse ponto, eu concordo plenamente com Hannah Arendt: não é uma boa ideia discutir Benjamin enquanto filósofo.

Em um fracasso como o de Kafka, Benjamin reconheceu a grandeza. Trata-se de um fracasso sem traição. Benjamin considera Kafka uma pessoa que – ao reconhecer seu fracasso – permanecia fiel a si mesmo. E Benjamin não parou por aí. Ele detecta uma relação especial entre fracasso e sucesso. O melhor sinal de confirmação da perspectiva de Benjamin, é a seguinte frase dele sobre Kafka (da carta para o Scholem, já citada anteriormente, datada de 12 de junho de 1938): “Seria possível dizer: uma vez seguro do malogro final, no caminho ele conseguia tudo como em sonho” (Benjamin; Scholem, 1993, p. 106).

Reconhecendo o fracasso, sentindo-o, você não ficará sem saída. Você não ficará sem esperanças. A esperança é – como Benjamin disse em seu ensaio sobre Kafka – um presente para pessoas desastradas e desengonçadas como os “*Gehifen*” (“assistentes”) do *Das Schloß* (*O castelo*). Quando falando sobre os “assistentes”, Benjamin afirma: “Para eles e seus semelhantes, os inábeis e os inacabados, ainda existe esperança” (Benjamin, 2012, p. 152).

Há esperança de que o corcundinha desapareça algum dia, de que ele não somente deixe de ser visto, mas também que cesse sua presença ameaçadora. Essa promessa messiânica está conectada com o pensamento benjaminiano, tal como se manifesta nas teses *Über den Begriff der Geschichte* (*Sobre o conceito de história*). Em seu ensaio sobre Kafka, ele expressa essa promessa ao citar um frase de Gershom Scholem, que figura como o grande rabino nessa passagem: “Esse homenzinho é o habitante da vida desfigurada; desaparecerá quando chegar o Messias, de quem um grande rabino disse que ele não quer mudar o mundo pela força, mas apenas retificá-lo um pouco” (Benjamin, 2012, p. 172). Estar “em casa numa vida desfigurada”: isso relaciona o motivo do corcundinha às implicações políticas do pensamento benjaminiano.

“O crítico é o estrategista na batalha da literária”

Não quero trivializar a dialética do fracasso e do sucesso, o que não poderia ser discutido aqui de modo satisfatório. Trata-se de um problema da filosofia, da história e da literatura. No poema “*Mnemosyne*”, Friedrich Hölderlin, por exemplo, escreveu os versos “há coisas/ que se põem aos ombros / fardo carregado / de fracasso”⁷. Esse poema foi importante para o modo como Hannah Arendt compreendia o fracasso, que, sem dúvidas, era influência de Martin Heidegger. Heidegger mencionou o poema de Hölderlin em uma carta para Hannah Arendt datada de 6 de maio de 1950. “Justamente na época em que você me escreveu essa citação, eu pensava no fardo do fracasso”. Vinte e um anos depois, em uma carta para Mary McCarthy, Arendt citou novamente esses versos, mas acrescentou duas palavras que deram um novo significado ao verso. “Em suma: comemoração”.

Pensemos na tensão entre fracasso e sucesso em tempos revolucionários. O escritor Volker Braun fez dessa tensão um tema crucial em suas peças e poemas. No seu artigo *Ein Ort für Peter Weiss* (*Um lugar para Peter Weiss*), ele usou as palavras “meu sucesso, que é um fracasso” (“*mein Gelingen, das ein Scheitern ist*”). O que lembra uma anotação de Benjamin em seu diário, datada de 5 de maio de 1931. A propósito de Hemingway, Benjamin escreveu: “O que é inteiramente feliz, inteiramente significativo, muitas vezes só pode ser compreendido

⁷ “*Und vieles / Wie auf den Schultern eine / Last von Scheitern ist / Zu behalten*”.

quando colocado bem próximo do que é inteiramente fracassado, inteiramente banal” (Benjamin, 1985, p. 425, tradução nossa)⁸.

Talvez algumas das derrotas sofridas por Benjamin tenham sido calculadas: poderia-se mencionar o projeto da revista *Angelus Novus*, sua tentativa de se estabelecer na Palestina e até a sua “habilitação” não concedida. De qualquer forma, não há dúvidas de que Benjamin teve muita má sorte. Até mesmo seu fracasso foi um fato concreto. Pensemos em sua existência precária. Benjamin tinha razão quando disse que todas as suas “tentativas de encontrar um ‘lugar’ profissional, no sentido burguês da palavra”, fracassaram. Em uma carta para Scholem, de julho de 1932, ele mencionou quatro de seus livros inéditos “que delimitam o verdadeiro lugar da ruína ou da catástrofe”. Hannah Arendt sabia que Benjamin vivera em uma “era dos extremos” (Eric Hobsbawm): Primeira Guerra Mundial, Grande depressão, surgimento do fascismo, deslocamento. Podemos confiar nela, pois conhecia Benjamin. Além disso, era uma pessoa íntegra e altamente perspicaz. Suas observações sobre Benjamin vieram direto da fonte.

Não queremos escovar a imagem de Arendt a contrapelo. Mas se considerarmos a perspectiva benjaminiana sobre Kafka, parece haver um esboço alternativo – talvez um “pequeno ajuste”. Podemos encontrar uma visão de Benjamin similar àquela citada acima sobre Kafka. Parece-me possível contrapor três aspectos ao Sr. Desengonçado. Três argumentos contra a depressão do fracasso: o comportamento de Benjamin, seu pensamento ou método de escrita e sua vida póstuma. Todos os três aspectos estão interligados.

Comportamento – Não acredito que Benjamin fosse desajeitado nem que tudo o que tentasse fazer fosse por água abaixo. Pensemos na desenvoltura com que lidava com formas artificiais e métodos. Ele era um vanguardista, adorava a experimentação e não respeitava as fronteiras entre as disciplinas e escolas. Pensemos na sua maestria da comunicação. Ele era capaz de encontrar um tom único para cada um de seus amigos. Isso não era apenas uma forma de adaptação, mas um sinal de competência comunicativa, que Hannah Arendt chamou de “modelo de diplomacia”.

Ele tinha boas conexões. Basta consultar sua agenda de endereços de Paris para perceber que ele não era um homem isolado. Em suas negociações com editoras e editores, sabia ser perspicaz e firme. Ele era um estrategista sagaz. E sabia o quanto era necessário sê-lo. Consideremos esta frase do livro *Einbahnstraße* (*Rua de mão única*): “O crítico é o estrategista na batalha literária” (Benjamin, 1995, p. 32). Ele apreciava o bom senso e a atitude realista. Em uma carta para Werner Kraft, datada de 26 de julho de 1934, ele sugeriu que a humanidade abandonasse as promessas de salvação e tentasse começar seu dia “como o começa uma pessoa racional depois de uma boa noite de sono” (Benjamin, 1998, p. 467, tradução nossa).

Pensamento / método de escrita – o dom de Benjamin que eu mais prezo é o de pensar por extremos. Ele conseguia lidar com posições diferentes lado a lado. Esse pensamento por extremos lhe deu expansividade e liberdade. Ele conseguia sustentar as tensões. Tensões como marxismo e o pensamento judaico, história e modernidade, revolução e haxixe, reprodutibilidade e aura, arquivo e atualidade.

Para caracterizar seu método de escrita, pode-se empregar uma expressão que ele próprio utilizou a propósito de Bertolt Brecht: “laboratório de versatilidade” (Benjamin, 1977,

⁸ “Das ganz Glückliche, ganz Bedeutende kann man sich oft nicht besser einsichtig machen als indem man es ganz nah ans ganz Mißlungne, ganz Banale heran hält”.

p. 1455). Não devemos considerar a incompletude das *Passagens* como um defeito. Francesc Abad disse: “As *Passagens* de Walter Benjamin não são uma obra, mas uma oficina”. Cada anotação é uma peça de arquivo. As citações são peças de arquivo reunidas por um homem que queria preservar os vestígios da história — não apenas os vestígios principais, mas também os remotos, os rejeitados, os supostamente sem importância. Todo o manuscrito é um imenso arquivo da Paris no século XIX. Está organizado de modo impressionante, com planos, cronogramas e encantadores sinais coloridos. Com isso, Benjamin concatenou um modelo flexível de pensamento sobre a história, a arte e a vida no passado.

Vida póstuma - Benjamin pensava e escrevia como um arquivista, uma espécie de arqueólogo. tinha consciência da extrema precariedade de sua própria vida. Mas queria salvar seu trabalho. Queria garantir-lhe uma vida para além de sua própria existência.

Ele enviou manuscritos, cadernos e versões impressas com anotações manuscritas a seus amigos Gershom Scholem, Theodor W. Adorno, Alfred Cohn, Hannah Arendt e Bertolt Brecht. E sabia — como escreveu a Scholem em 4 de abril de 1937 — “que talvez apenas nossos arquivos reunidos pudessem apresentar uma coleção completa deles” (Benjamin, 1993, p. 263). Seus escritos eram voltados para o futuro. Ele sabia que já havia perdido sua audiência contemporânea no exílio e, por isso, enviava mensagens às gerações futuras. As mensagens foram recebidas. Sem os esforços sábios, vividos e fortuneos de Benjamin, nós não teríamos seu arquivo hoje.

A vida de Benjamin terminou em Porbrou. Mas ler sua vida como um fracasso seria acabar com ela novamente.

Referências

ARENDR, Hannah. Homens em tempos sombrios. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

ARENDR, Hannah. Walter Benjamin está morto: carta de Hannah Arendt a Gershom Scholem. Tradução de Ludmyla Franca-Lipke. In: RACY, Gustavo (org.). *Walter Benjamin está morto*. São Paulo: Sobinfluência Edições, 2020. p. 122–131.

BENJAMIN, Walter. Bert Brecht. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Organização de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, com a colaboração de Theodor W. Adorno e Gershom Scholem. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977. v. 2, parte 3, p. 1455–1457.

BENJAMIN, Walter. [Carta a Werner Kraft, 26 jul. 1934]. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Briefe*. Edição do Theodor W. Adorno Archiv. v. 4: Briefe 1931–1934. Organização de Christoph Gödde e Henri Lonitz. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998. p. 467.

BENJAMIN, Walter. Crônica de Berlim. Organização e tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2024.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 147–178. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: Beim Bau der Chinesischen Mauer. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Organização de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. v. 2, t. 2, p. 676–683.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Organização de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, com a colaboração de Theodor W. Adorno e Gershom Scholem. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. v. 6: Fragmente vermischten Inhalts; autobiographische Schriften.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa, com assistência de Pierre Paul Michel Ardengo. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 71–142. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 9–70. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Organização e introdução de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2023. (Coleção Espírito Crítico).

BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. Correspondência: 1933-1940. Tradução de Neusa Soliz. Revisão de Plínio Martins Filho. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Debates, 249).

SCHOLEM, Gershom. Walter Benjamin: a história de uma amizade. Tradução de Geraldo Gerson de Souza, Natan Norbert Zins e Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1989.

Recebido em: 30/03/2025

Aceito em: 03/05/2026